

Criador da Bolsa de Valores Sociais propõe evolução para o conceito de investimento social

Bolsa de Valores Sociais terá 25 projectos em permanência

Celso Grecco, empreendedor social brasileiro, explicou em entrevista à “Vida Económica” como nasceu o conceito de uma Bolsa para projectos sociais, como a Unesco e a ONU o distinguiram, e como Portugal se tornou o segundo país do mundo e o primeiro da Europa a implementá-lo.

Vida Económica - Qual a origem da Bolsa?

Celso Grecco - Fundei a Atitude no Brasil em 2000 como uma empresa de consultoria para a Responsabilidade Social. Era até então publicitário, mas deixei a minha agência quando comecei a perceber que as empresas estavam a dar muita importância à responsabilidade social.

O pensamento de base, que teve muita força no Brasil no final dos anos 90, é que não podem existir empresas bem sucedidas em sociedades falidas. Criaram-se institutos importantes como o Ethos e as empresas começaram a adoptar causas. A Bolsa de Valores do Brasil – a Bovespa –, que na época já era a mais importante na América Latina, não tinha um projecto. Então chamaram-me e disseram que precisavam de uma plataforma de responsabilidade social.

VE - De que forma respondeu a esse pedido?

CG - Antes as empresas tinham os seus consumidores e o seu papel era satisfazê-los, agora precisam de dar uma resposta à sociedade. A minha proposta para a Bovespa foi: “se vocês querem fazer algo que faça sentido para a sociedade mas para vocês também, façam algo que vocês já sabem fazer.” Na minha concepção uma Bolsa de Valores é um ambiente de criação de valores: junta a empresa que precisa de ter capital, assumindo o compromisso de transparência, à pessoa que acredita no projecto e que quer ser accionista. Uma Bolsa de Valores é só um ambiente que cria e zela por essa relação.

VE - Como transportou esse conceito para o terceiro sector?

CG - Por natureza, as organizações sociais já são abertas ao público – elas têm que prestar contas porque têm acesso a

dinheiros públicos. A ideia era reproduzir o ambiente da Bolsa para essas organizações, conectando-as a pessoas que acreditam que os projectos vão ter um lucro social, tornando-se suas accionistas. A Bolsa de Valores Sociais (BVS) nasceu assim do próprio conceito da Bolsa e fez tanto sentido que a Bovespa aprovou logo o projecto. Tornou-se em 2004 estudo de caso na ONU e a Unesco aproximou-se pedindo para lhe dar chancela porque considerou que tratar a educação e a área social como investimento e não como despesa seria um importante ganho a nível mundial.

VE - Quando chegou o projecto a Portugal?

CG - Em 2008 vim fazer uma palestra a Portugal, no Congresso de Empreendedorismo Social do IES, e havia na plateia uma pessoa da Bolsa portuguesa que já conhecia o projecto na Bovespa mas tinha curiosidade em saber como seriam os bastidores da BVS. Num ano, com o apoio das duas fundações – Fundação EDP e Fundação Calouste Gulbenkian –, o projecto foi lançado em Portugal com a Euronext.

VE - Como são esses bastidores?

CG - Portugal tem a primeira Bolsa de Valores Sociais da Europa e a segunda no mundo. Ainda que tenha sido criada uns anos depois, nasceu muito mais evoluída. No Brasil constitui na Atitude uma equipa de especialistas em educação, meio ambiente, gestão de projectos, e criámos uma plataforma na internet. A organização social envia o projecto através da plataforma dizendo o que faz, porquê e para quem, qual o projecto que quer colocar em bolsa, quais as razões, e quanto custa. Propositadamente a ficha de candidatura é muito simples, sobretudo por respeito ao tempo da organização. A equipa da Atitude faz uma



“Estamos com 13 projectos cotados e a ideia é chegar a 25”, afirma Celso Grecco.

primeira leitura individual e depois colectiva do projecto. Se passar no crivo procuramos saber mais fazendo uma entrevista telefónica. Se o projecto continua interessante, vamos ao terreno, passando um a dois dias a conversar com os beneficiários, com a equipa, entendendo a dimensão e vendo o local. O técnico faz depois um relatório, preenche um rating e apresenta o projecto à equipa. É feito um debate e se o projecto é consistente, dizemos à Bolsa que o projecto passou por todas as fases e que pode ser cotado. Em Portugal, o processo é o mesmo, com a diferença que a Atitude não é uma empresa mas uma associação. A plataforma na internet é mais sofisticada que no Brasil, permitindo que todos os processos fiquem registados e garantindo que, quando eu me inscrevo, posso ter acesso ao está a acontecer com o projecto.

VE - Como está hoje a BVS em Portugal?

CG - Estamos com 13 projectos cotados e a ideia é chegar a 25. Quando o projecto atinge 100% de angariação dá lugar a um novo. Lançámos a Bolsa dia 2 de Novembro e fechámos este Janeiro com 65.000 euros angariados. É ainda um resultado pequeno mas tem atenuantes: lançámos a Bolsa muito próximo da quadra natalícia, com as empresas já sem dinheiro, e as pessoas bombardeadas por várias solicitações. Agora temos a possibilidade de apresentar a BVS sem tanta distração nos media. A BVS é uma nova forma e nós temos o enorme desafio de mostrar às pessoas a diferença entre a filantropia e o investimento social, propondo às pessoas que acompanhem o seu investimento.

VEJA WWW.BVS.ORG.PT

BVS – uma forma do 3º sector alargar o financiamento? Que conselhos dar a outras organizações?



Sim. Principalmente porque os projectos têm de ser sustentáveis. O apoio da BVS traduz-se sobretudo num excelente “empurrão” para o investimento inicial em equipamentos - que é sempre difícil de suportar, bem como custos de funcionamento iniciais. Elaborarem projectos de carácter inovador. No fundo ir ao encontro das necessidades das pessoas, seja em termos do serviço prestado propriamente dito, seja no apoio técnico, seja ainda num horário de atendimento diferente do tipificado. Resumindo: prestar mais e melhor apoio e diferenciado – ajustado a cada pessoa ou grupo de pessoas. José Bourdin, Cercitop, www.cercitop.org



Como instrumento estratégico de gestão da mudança, nomeadamente na procura de novas fontes de receitas, a BVS é de facto uma ferramenta extraordinária para as Organizações do Terceiro Sector por dois motivos: sustentabilidade, tornando-se cada vez mais independentes do factor subsídio-dependência estatal; e responsabilidade social, encerrando factores críticos de sucesso organizacional face como credibilidade, transparência, accountability, avaliação, confiança. O acompanhamento e monitorização dos projectos por parte da Equipa Técnica da BVS, garantindo que os financiamentos são efectivamente canalizados para a sua execução, incrementa o factor Confiança depositado pelos “shareholders” que adquirirem as acções sociais. Os frutos estão à vista: o projecto Dianova “Educação é a Melhor Prevenção” já captou um total de € 2.199 de financiamento social para a primeira fase do projecto que já está a ser implementado. Continuamos a assistir a situações ou percepções negativas no que toca a angariação de fundos, desconfiando-se da natureza da aplicação dos mesmos. É fundamental que as Organizações deste sector demonstrem o contrário, começando por implementar políticas e instrumentos que atestem a integridade das suas motivações e acções. Rui Martins, Dianova, www.dianova.pt



Para a APPT21, esta é sem dúvida uma forma promissora, com resultados já comprovados (40% das “acções” foram já captadas), de uma organização sem fins lucrativos alargar a sua base de financiamento. Com a finalidade de tornar auto-sustentável, toda a vida financeira do Centro de Desenvolvimento Infantil DIFERENÇAS, surgiu este projecto social, denominado Efeito D, um projecto que se pretende que dê uma visibilidade sem precedentes a esta causa, bem como de criar uma fonte de valor susceptível de financiar as actividades do Centro, tornando-o independente de subsídios esporádicos. A adesão à Bolsa de Valores Sociais permitiu angariar o financiamento necessário para o arranque do projecto, fazendo face aos seus custos iniciais. Que reúnam uma equipa profissional dedicada ao desenvolvimento e implementação de um projecto; que se organizem internamente, em termos contabilísticos, com a criação de um centro de custos com actualização e análise constantes que revele os resultados financeiros obtidos e atribuídos aos projectos que se propuseram desenvolver; e que não tenham medo da “transparência”, pois quem “investe” quer conhecer-nos e acompanhar-nos, mas quer também garantias da credibilidade e sustentabilidade do projecto e de cada organização. Clara Portela, APPT21, www.appt21.org.pt



Claro, a Bolsa de Valores Sociais é uma iniciativa inovadora na angariação de fundos para as organizações sem fins lucrativos. Além disso, dá aos projectos seleccionados um selo de qualidade, garantindo assim uma maior credibilização junto dos investidores. As organizações sem fins lucrativos são muito importantes em todas as sociedades e é essencial que trabalhem de forma profissional e séria, desenvolvendo projectos bem estruturados e sustentáveis para transmitir uma imagem de profissionalismo e transparência aos seus investidores. De resto, é só sonhar, reunir uma equipa animada, mas séria e acreditar no impossível. Susana Ribeiro, Nariz Vermelho, www.narizvermelho.pt